

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE MUSEU E ESCOLAS

Everton Menezes Silva¹; Marco Antonio Leandro Barzano²

Bolsista PIBIC/CNPq¹, Bacharelado em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, everton.mnzs@gmail.com

Orientador², Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, marco.barzano@gmail.com

Palavras-chave: museu, escolas, educação não-formal

INTRODUÇÃO

Atualmente, as pessoas devem saber se posicionar diante de determinados assuntos, dentre os quais alguns são muito polêmicos, como por exemplo: clonagem, células embrionárias, biotecnologia e seus impactos éticos e ambientais, evolução etc. Os museus de ciências se relacionam diretamente com estes fatos, pois eles podem divulgar conceitos, ideias e teorias científicas de forma lúdica e atrativa.

A educação formal, segundo Marandino (2008, p. 13) é um sistema hierarquicamente estruturado e cronologicamente organizado que vai desde as escolas até as universidades, incluindo o ensino técnico e profissional. A educação não-formal, praticada nos museus de ciências, é um processo de construção histórica, social e cultural no qual os indivíduos se agrupam com interesses em comum e de alguma forma estes ensinam e aprendem (SILVA, 2010).

A respeito disso, Bianconi e Caruso (2005, p. 20) definem esse termo como “qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.”

Segundo Loureiro (2003) “os museus são instituições sociais preservadoras e transmissoras dos produtos socioculturais da ciência”. De acordo com este autor, os museus resgatam o passado através da identificação dos indivíduos com os objetos representantes de uma determinada cultura, neste caso, a cultura científica.

Historicamente, os museus apresentam três períodos de desenvolvimento da função educativa. O primeiro, diz respeito ao período em que os museus eram espaços que faziam parte de universidades e tinham acesso restrito a pesquisadores que possuíam conhecimento de referência. No segundo período, no século XIX, há uma progressiva entrada do público de diferentes classes sociais. Foi também neste século que, no Brasil, começaram a surgir os primeiros museus, sendo o primeiro deles, o Museu Real, no Rio de Janeiro, fundado em 1808. Atualmente, estamos vivendo o terceiro período, caracterizado pelo aumento e diversificação do público (MARANDINO et al, 2005).

Os museus de ciências se inserem no campo da educação não-formal, pois suas ações tem uma intencionalidade pedagógica muito marcante. Através deste fato, os museus sempre formam verdadeiras parcerias com as escolas cujo público é bastante frequente nestes espaços. Compreender como esta relação entre museu e escola se articula é bastante interessante, porque pode mostrar até onde as instituições museais podem servir como um alicerce para a efetivação de uma experiência de aprendizagem para os alunos. Neste sentido, os museus já estão bem consolidados como um espaço de realização de práticas de ensino e aprendizagem, pelo menos no ambiente acadêmico. Então, as pesquisas direcionadas para a investigação da relação museu-escola são relevantes, pois pode mostrar qual a visão das escolas sobre a função social dos museus.

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa se desenvolveu a partir de pesquisa bibliográfica e estudo das relações teóricas que envolvem o tema museu de ciências, sua relação com a escola e a divulgação científica, já argumentados anteriormente, e justificada sua relevância e originalidade para o campo de estudos do currículo e da educação em ciências.

Nossa proposta metodológica é de cunho qualitativo e, por esta razão, pode oferecer subsídios capazes de delimitar de forma analítica, crítica e interpretativa o objeto de estudo em questão. Escolhemos a entrevista semi-estruturada e o questionário como meios para a coleta de dados. Porém, entrevista não pode ser efetivada, porque a greve no ano de 2012 nas escolas da rede estadual de ensino atrasou a programação da pesquisa. Desse modo, na volta às atividades, optamos por adaptar a metodologia e substituímos a entrevista por questionário.

A aplicação dos questionários foi realizada pelo pesquisador em iniciação científica depois de alguns encontros com os professores nas reuniões de atividades complementares (AC's) da área de matemática, ciências e suas tecnologias. A estratégia da aplicação de questionários foi mais efetiva, porém somente duas professoras responderam-no.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nossa idéia inicial era de entrevistar os professores de Ciências, Biologia e Física do Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand sobre a utilização do espaço museal como uma ferramenta de aprendizagem e perceber quais eram as aproximações e afastamentos entre a instituição museal e esta escola. Porém, vimos que a entrevista se tornaria inviável para os professores, pois eles estavam com atividades acumuladas por conta do período de greve. O que foi feito, portanto, na prática, foi a aplicação de questionários com perguntas abertas dos quais somente dois foram respondidos. Um foi respondido por uma professora de Biologia e outro por uma professora de Química. Vamos nos limitar a fazer um paralelo entre as duas respostas com alguns comentários descritos a seguir.

Para organizar a explicação vamos denominar a professora de Biologia de Professora 1 e a de Química, respectivamente, de Professora 2. Na primeira questão procuramos saber qual a utilidade de um museu de ciências para a sociedade e a Professora 1 disse que ele promove “o interesse dos visitantes pelas ciências naturais” e também preserva o patrimônio cultural, histórico e cultural de uma região, enquanto que a Professora 2 destacou a importância desta instituição como uma ponte entre os conhecimentos do dia-a-dia, o científico e o escolar.

É interessante notar que não houve aqui a definição de um museu como apenas um repertório de objetos de laboratório inanimados ou como um laboratório escolar ou ainda como uma extensão da escola. As respostas se complementam, pois o museu ao preservar a produção cultural de uma determinada época expõe novas relações de conhecimento até então não exploradas.

Na segunda questão, nos interessava saber se o museu realmente contribui para as aulas e ambas responderam que sim, porém, a Professora 1 expôs a dificuldade de acessar o museu seja pela falta de costume dos demais professores e alunos ou pela falta de estrutura. Ela acrescentou que o Museu Parque do Saber já faz parte do calendário escolar com visitas periódicas dos professores e alunos. Isso pode indicar a necessidade de parcerias mais fortes, evidentes e conhecidas entre as duas instituições, apesar de que o principal público do Museu é o escolar. Porém, não podemos desconsiderar o esforço por parte da equipe do Museu Antares em tentar diversificar o público. Aparentemente forma-se um paradoxo: se o público do Museu Antares é formado principalmente pelo escolar, então porque esta escola não realiza visitas a ele? Podemos afirmar que a resposta esteja na própria fala da Professora 1

quando ela aponta para uma ausência no olhar população feirense em geral. Por ser um dos poucos da região o Museu Antares as pessoas não tem o hábito de visitá-lo com regularidade.

Na terceira questão, procuramos saber qual a intenção das visitas ao museu e ambas disseram que o principal motivo para realizar as visitas é facilitar a aprendizagem dos alunos, porém, como foi mostrado na quarta questão parece que não há um planejamento mais específico para a visita ao museu. Ora, se o professor utiliza o museu como uma ferramenta de aprendizagem seria interessante programar a aula ou, caso seja, necessário, aquilo que deve ser visto dentro dele. Por isso, o professor deve visitar o espaço com antecedência e planejar a visita antes, durante e após.

Na quinta questão elas disseram que as visitas eram bastante proveitosas, mas isso requer um olhar mais atencioso, pois ainda não podemos precisar o impacto dessas visitas na aprendizagem efetiva dos alunos. Na sexta questão podemos perceber que os professores não participam de atividades realizadas pelo museu, porém isto não quer dizer que elas não aconteçam apesar delas não serem criadas especificamente para o público docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, apesar das dificuldades encontradas durante o estudo, que a relação entre o Museu Antares de Ciência e Tecnologia e o Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand apresenta-se ainda incipiente. Isto nos faz pensar sobre o fomento à cultura – não somente a preservada pelos museus – da nossa cidade e parece que este problema tem um fundo político. A facilitação ao acesso do espaço do Museu deve ser promovida e incentivada através de parcerias entre a Universidade Estadual de Feira de Santana, a Secretaria de Educação, a Secretaria de Cultura e finalmente as escolas públicas da cidade. Para que o espaço do Museu se torne realmente visível ou útil ao público em geral, pontes devem ser formadas e cabe à administração pública respaldar este processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARANDINO, M. ; BIZERRA, A. F. ; NAVAS, A. M. ; FARES, Djana Contier ; MONACO, L. M. ; MARTINS, L. C. ; GARCIA, V. A. R. ; SOUZA, M. P. C. . **Educação em museus: a mediação em foco**. 1. ed. São Paulo: Pró-Reitoria Cultura e Extensão USP e GEENF/FEUSP, 2008. v. 1. 36 p.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. Ci. Inf. [online]. 2003, vol.32, n.1, pp. 88-95.

BIANCONI, M. L. & CARUSO, F. Educação não-formal. **Ciência & Cultura**. no.4, vol.57, p.20-20, 2005. Disponível na internet em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de abril de 2013.

SILVA, Everton Menezes. **Museu Antares de Ciência e Tecnologia: histórico e exposições**. Feira de Santana, 2010. 55 p.

MARANDINO, M.; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues; BARÃO, Cristina de Carvalho. Percursos das Ciências em Exposições de Museus. In: Martha Marandino, Martha et al; Sandra Escovedo Selles; Márcia Serra Ferreira; Antonio Carlos Rodrigues Amorim. (Org.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. 1 ed. Niterói: EDUFF, 2005, v. 1, p. 37-49, 2005.